

COMENTÁRIOS

“FRONTEIRAS GUARANIS”

O título, que Melo e Silva após ao seu ensaio — *“Fronteiras Guaranis”* — podia, sem deslustre algum, e até com maior propriedade, trocar-se por outro — *Colonização Fronteira* — ou equivalente, que mais se harmonizasse com a explanação, que lhe aprouve desenvolver.

Em verdade, não procederia diversamente o autor, se, em vez de escolher o assunto, que mais lhe feriu a atenção no ambiente raiano, onde exerce a judicatura, tivesse aceito a incumbência de examinar o magno problema condicionado ao povoamento da faixa lindeira no planalto maracajuano.

E como quem pretendesse firmar premissas exatas, que lhe justificassem pontualmente as conclusões, começou por definir as peculiaridades regionais, tanto relativas à terra, como à gente que a habita. Seguindo ao arrepio dos tempos, alcançou o primeiro século da ocupação da América pelos europeus, quando se dilatavam os domínios guaranis pela mesopotâmia portentosa, que o Paraguai e o Paraná abarcam, e ainda transbordavam para Leste, na região onde prosperariam as missões de Guaíra, antes que os bandeirantes as acometessem impiedosamente.

Por interessante que seja a primeira parte do livro, referente ao regime em que viviam os indígenas ao tempo dos missionários inacianos, e à contestação de mais de um conceito de Bertoni — sábio suíço que se fixou no Paraguai, para se transfigurar em fervoroso apologista dos naturais daquelas paragens — é matéria que mais se prende à história do que à geografia, em contrário ao que avulta do capítulo VI em diante.

Localiza, primeiramente, neste particular, a região, a que aplicará o seu olhar investigador.

“Com a vizinha nação guaraní ao longo das nossas divisas, desde o Salto das Sete Quedas, no *Paraná*, até as bordas de *Paraguai*, e por êste, águas acima, até a confrontação do desaguadouro da Baía Negra, assim enceta a descrição panorâmica do campo de observações meticolosas, veem entestar os municípios brasileiros de Ponta Porã, Bela Vista, Pôrto Murtinho e Corumbá, aos quais se articulam por sua vez, com a descontinuidade, apenas, de alguns rios e arroios, os territórios matogrossenses de Dourado, Maracajú, Campo Grande, Nioaque e Miranda. Os três municípios do primeiro grupo e Dourados, do segundo, constituem o que denominamos neste trabalho — lindes guaranis — (pág. 99).

Definido o objeto dos estudos a que se entregou o autor, do mangrullo proporcionado pelo cargo de juiz de direito de Bela Vista, indica os dois aspectos predominantes do território observado.

“Um, o planalto, que se estende a sudeste da cordilheira de *Amambaí*, com o nome de *Serra de Maracajú*”.

Além, a “baixada sulina, rumo de oeste, abraçando a extensão que vai das escarpas da serra, até as ribas do *Paraguai*”.

Lá, no alto, desatam-se os campos admiráveis, a espaços entremeiados de capões e matas mais densas, que encobrem cursos d’água.

E ao descambar o terreno para a planura, que as águas transbordantes dos tributários do *Paraguai* inundam periodicamente, não segue em ladeira uniforme, correspondente ao desnível de 300 a 400 metros.

Aquí, apruma-se o paredão quasi a pique, a interceptar as comunicações entre os dois planos, ali, suavizam-se as trombas, como gigantescos botaréus em que se apóia o maciço elevado; acolá, escancaram-se os grotões e bocainas, pelos quais se precipitam os ribeirões originários do planalto.

“Como os platós do *Amambai*, lê-se então, tem a baixada sertaneja os seus campos invejáveis, de pastarias finas, variadas, ricos mananciais em tôdas as dobras da terra, rios de águas volumosas, que vão captando, em longa travessia, os cursos de inúmeros ribeirões e arroios, para se lançarem depois sôbre o leito do legendário *Paraguai*”.

Nesse empolgante cenário, o homem, que o fecunda com o seu trabalho, promoveu a fundação de aglomerações urbanas — Bela Vista, Pôrto Murtinho, Ponta Porã e Dourados — a que falta, na opinião do escritor, “êsse quê de nacionalismo, que deve constituir o sonho e a preocupação do brasileiro”. Porque ?

“Mineiros, paulistas, paranaenses, baianos, riograndenses do sul, argentinos, uruguaios e paraguaios, lá se encontram e constituem o elemento que faz a indústria pastoril, ainda rotineira, sem aplicação dos métodos racionais, e que não se atreveu sinão a ligeiros ensaios da agricultura”.

Como auxiliares de serviço, porém, predominam os descendentes guaranís, que transpõem facilmente a fronteira, nas ocasiões da safra dos ervais, ou de campeios, e voltam ao Paraguai, sempre que lhes seja possível.

Apresilhados destarte à terra natal, e aos usos e costumes ancestrais, não deixam o seu linguajar, em que de hábito se entremeia o castelhano ao *ava-ne-ê*, preferido nas expansões de seu temperamento folgazão e boêmio.

São elementos étnicos de perseverante resistência à assimilação, contra a qual reagem de maneira eficaz, ao cultivarem a sua fala peculiar, juntamente com as tradições varonís do seu povo.

Dessa classe, informa o autor, habituado à uniformidade idiomática do Nordeste:

“Embora nascidos no Brasil, não se adaptam à nossa educação os filhos dos guaranís, salvo se a mãe é brasileira pura, porque em tal caso predominam os costumes desta

“Se guaraní ou mestiça a mãe, e apenas brasileiro o pai, êste pouco influe na educação dos filhos, mesmo porque entre ós guaranís há resíduos bem patentes de matriarcado.

Não aprendem a língua portuguesa, nem para isso fazem qualquer esforço”

Assim é que, pela observação trazida a público, diferença alguma experimentam no ambiente social em que atuam, aquém, ou além da fronteira, que não lhes altera o regime de vida, oscilante entre a zona ervateira, ou pastoril, e os descantes e dansas cadenciadas pela sanfona languorosa

Maior facilidade lhes depara a travessia da divisória internacional do que as jornadas em busca de núcleos povoados à margem da E F Noroeste do Brasil, para onde rumam as vias de comunicação Das três existentes nenhuma se emparceirá às rodovias de alta classe.

A primeira, mais carroçável que de rodagem, liga a cidade de Campo Grande a de Ponta Porã; outra, de rodagem, vai de Aquidauana a Bela Vista, através de Nioaque; e a terceira, carroçável, de Miranda a Pôrto Murtinho.

Em breve, porém, alterar-se-á a carência da viação eficaz, quando os trilhos do ramal da E F. Noroeste, ora em construção, alcançarem a estação extrema em território brasileiro — Ponta Porã.

Tal ferrovia contribuirá sobremaneira para mais íntima articulação, entre a existente, que leva aos sertões matogrossenses o ritmo da vida paulista, e a fronteira, onde a pionagem, de origem guaraní, em maioria, adota, no trajar, o figurino gaúcho, com as suas bombachas vistosas, botas e chilenas rangentes, chapéu de *cowboy*, paletó, não raro, lenço ao pescoço, de preferência de cores vivas, e pala.

E' a vestimenta predileta dos que preferem, como os sulinos, andar montados, a palmilhar diretamente o solo, ainda que em percursos diminutos

“E' tão arraigado o uso de andar a cavalo entre os guaraní, homens e mulheres, anota o escritor, que só a contragosto vencem as pequenas distâncias a pé”.

Não bastará alguma esperança de lucros pecuniários para que se decidam a contrariar os pendores naturais à equitação, rompentos a tôda ocasião, inclusive nas canchas, onde se realizam as corridas de parelhinhos velozes

Todavia, se ao fim da caminhada a pé, espera-os cobiçada festança, cessará o motivo impeditivo da sua presença. E comparecem de bom grado, embora não disponham, no momento, de animal algum, que os transporte

Para evitar possível exagêro de interpretação, quanto à influência guaranizante das mais humildes às camadas superiores da sociedade, acrescenta o magistrado:

“A fronteira tem sua elite, constituída por elementos nacionais e estrangeiros. Essa, que leva uma vida à parte, distinta e diferente da que leva a massa, guaranizada ou não, mantém a forma de vestir dos centros adiantados do País”

E' o escol que dirige e superintende os municípios fronteiriços e lhes imprime feições progressistas às sedes respectivas, como se vê em Bela Vista — “cidade feiticeira” semelhante à “noiva que se enfeita à espera do noivo — o progresso”; em Dourados, a “terra dos pomos abundantes e saborosos”, e cuja população vive preocupada apenas com o trabalho agrícola e com a extração da erva”, e “onde não há casas de tavolagem, nem se trata de política”, em Pôrto Murtinho, que, em vez da lavoura, vivem mais de indústria, por meio da charqueada, mantida pelas suas fazendas pastoris e das fábricas de extrato de quebracho, rico de tanino, para cortumes, em Ponta Porã, que exerce a liderança na fronteira, mercê do seu desenvolvimento urbano e rural, com as suas ruas bem iluminadas e estabelecimentos destinados à pecuária, bem como à indústria ervateira.

De cada um dos referidos municípios, o autor examina, em particular, as características geográficas, assim no aspecto físico das terras, que abrange e nas possibilidades econômicas, contrariadas pela dificuldade atual dos transportes, como igualmente da sua população

E, por último, feito remate em que se enfeixam as deduções rompentos de premissas apresentadas como o resultado de observações pessoais, “ressalta a conclusão de que a fronteira está carecendo da proteção e das vistas dos governos, dos meios de comunicação e do elemento homem para povoamento conveniente do solo e cultura dos seus campos”.

Urge povoar a fronteira, mas por meio de núcleos sociais brasileiros, consoante sugere o autor, que infirma, a seguir, qualquer interpretação desairosa a outros elementos colonizadores.

“Nacionalizar a fronteira, explica melhormente, não significa banir de lá o descendente guaraní”.

Faz-se mister, porém, que os “seus filhos nascidos no Brasil sejam educados à moda brasileira, submetendo-se integralmente à nossa civilização”

E, mais ainda, que para lá sejam encaminhados, de preferência, os nordestinos, a quem o autor atribue afinidade, embora remota, com os fronteiriços de origem guaraní.

Dêsses, porém, ou de outros, igualmente brasileiros, deverá constituir-se o povoamento metódico daquelas paragens, para que se apresentem cabalmente integrados na comunhão nacional.

E para melhor esclarecimento do seu parecer, antes de explanar a parte especial, consagrada “às noções da língua guaraní”, sintetiza o ensaísta, no capítulo derradeiro, “as medidas indispensáveis à colonização e consequente nacionalização das fronteiras”.

E’ o assunto principal da obra, e por isso, mais opulento de indicação e conselhos, que orientem a atuação dos governantes, a quem cabe completar e aperfeiçoar as realizações da simples iniciativa particular

Com incontido entusiasmo, faz-se paladino da cruzada nacionalizadora da fronteira meridional de Mato Grosso, que já suficientemente conhece, mercê de cuidadosas indagações, desde quando assumiu, faz alguns anos, o exercício da magistratura na região, onde pode pessoalmente verificar a urgência de avolumar a população brasileira, ao longo da divisória apropriada a rendosas culturas

E’ missão hoje confiada ao Exército, a quem não escapam as dificuldades do problema, examinado em tôdas as faces pela sua ativa oficialidade, a quem caberá localizar os futuros núcleos coloniais e conveniente distribuição pelos grupos povoadores, cujos chefes se tenham embebido, nas casernas, de ensinamentos patrióticos.

E assim, na realização de tais empreendimentos, serão naturalmente analisadas as sugestões do escritor, que soube imprimir ao seu ensaio de sociologia a feição de valioso capítulo de geografia humana

Certo, não lhe aceitaríamos todos os conceitos, sem restrições

Ainda, porém, quando dissentíssemos de suas deduções, ou afirmativas, não deixaríamos de reconhecer-lhe o perseverante esforço de acertar, inspirado por sadio espírito de brasilidade

Virgílio Correia Filho
